

REDAÇÃO MASTER

Material de Apoio



Exercícios de coesão e reescritura

- 1.** Estabeleça a coesão necessária nas frases abaixo, empregando o conectivo adequado e pontuando devidamente cada texto:
- a) _____ o tivéssemos aconselhado não nos ouviu _____ acabou sendo despedido.
 - b) Ela estava confiante _____ ao saber que fora enganada desesperou-se.
 - c) Ele não é de estudar muito _____ tira sempre notas boa.
 - d) O disco que lhe falei já está esgotado _____ ter sido lançado há apenas um mês.
 - e) É menino muito mentiroso _____ não dirá a verdade _____ o ponha de castigo.
 - f) _____ ela tentava explicar, mais confusa a coisa ficava.
 - g) Só foram aprovados o que obtiveram média setenta _____ você só obteve sessenta e cinco _____ não foi aprovado.
 - h) _____ não vieram até agora, acredito que não venham mais.
 - i) _____ me ameacem não direi uma palavra do que sei.
 - j) Hoje em dia importa mais o diploma _____ aquilo que se sabe realmente.
 - l) Não há mais vagas naquela empresa _____ é inútil procurares emprego lá.
 - m) Ele é um profissional medíocre _____ é arrogante e se julga merecedor de um cargo mais elevado.
 - n) Não aceitaremos reclamações _____ o prevenimos sobre os defeitos do aparelho.
 - o) Ela não desistirá _____ a ameacem.
 - p) _____ não no viu não pôde nos dar o recado _____ tenha vindo aqui para isso.
 - q) _____ ninguém se oferece para fazer o trabalho eu mesmo o farei _____ o prazo está se esgotando.
- 2.** Refaça o texto, a fim de que se torne coerente:
"Imenso tem sido o progresso no século XX. A técnica, posta a serviço do homem, fornece-lhe meios eficazes para enfrentar a vida e amenizar-lhes as asperezas. Somos forçados a reconhecer que uma série de males passam a afligir a humanidade"
(GARCIA,1975)
- 3.** Às vezes, quando um texto é ambíguo, o conhecimento que o leitor tem dos fatos é que lhe permite entender o que lê. Um bom exemplo é o trecho que se segue:

O presidente americano(...)produziu um espetáculocinematográfico em novembro passado na Arábia Saudita, onde comeu peru fantasiado de "marine" no mesmo bandeirão em que era servido aos soldados americanos.

Aponte a opção que explicita mais adequadamente a(s) causa(s) das duas ambiguidades nele contidas.

4.

TEXTO II

O PRIMO BASÍLIO

la encontrar Basílio no *Paraíso* pela primeira vez. E estava muito nervosa: não pudera dominar, desde pela manhã, um medo indefinido que lhe fizera pôr um véu muito espesso, e bater o coração ao encontrar Sebastião. Mas ao mesmo tempo uma curiosidade intensa, múltipla, impelia-a, com um estremecimentozinho de prazer. – la, enfim, ter ela própria aquela aventura que lera tantas
5 vezes nos romances amorosos! Era uma forma nova do amor que ia experimentar, sensações excepcionais! Havia tudo – a casinha misteriosa, o segredo ilegítimo, todas as palpitações do perigo! Porque o aparato impressionava-a mais que o sentimento; e a casa em si interessava-a, atraía-a mais que Basílio! Como seria? (...) Desejaria antes que fosse no campo, numa quinta¹, com arvoredos murmurosos e relvas fofas; passeariam então, com as mãos enlaçadas, num
10 silêncio poético; e depois o som da água que cai nas bacias de pedra daria um ritmo lânguido² aos sonhos amorosos... Mas era num terceiro andar – quem sabe como seria dentro? (...)

E ao descer o Chiado³, sentia uma sensação deliciosa em ser assim levada rapidamente para o seu amante, e mesmo olhava com certo desdém os que passavam, no movimento da vida trivial – enquanto ela ia para uma hora tão romanesca da vida amorosa! (...) Imaginava Basílio
15 esperando-a estendido num divã de seda; e quase receava que a sua simplicidade burguesa, pouco experiente, não achasse palavras bastante finas ou carícias bastante exaltadas. Ele devia ter conhecido mulheres tão belas, tão ricas, tão educadas no amor! Desejava chegar num cupê⁴ seu, com rendas de centos de mil-réis, e ditos tão espirituosos como um livro...

A carruagem parou ao pé duma casa amarelada, com uma portinha pequena. Logo à entrada um
20 cheiro mole e salobre⁵ enojou-a. A escada, de degraus gastos, subia ingrememente, apertada entre paredes onde a cal caía, e a umidade fizera nódoas⁶. No patamar da sobreloja, uma janela com um gradeadozinho de arame, parda do pó acumulado, coberta de teias de aranha, coava a luz suja do saguão. E por trás duma portinha, ao lado, sentia-se o ranger dum berço, o chorar doloroso duma criança.

(...)

25 Luísa viu logo, ao fundo, uma cama de ferro com uma colcha amarelada, feita de remendos juntos de chitas diferentes; e os lençóis grossos, dum branco encardido e mal lavado, estavam impudicamente⁷ entreabertos...

Eça de Queirós
Obras de Eça de Queiroz. Porto: Lello & Irmão, s/d.

¹ quinta – pequena propriedade campestre

² lânguido – sensual

³ Chiado – bairro de Lisboa

⁴ cupê – antiga carruagem fechada

⁵ salobre – salgado

⁶ nódoas – manchas

⁷ impudicamente – sem pudor

E estava muito nervosa: não pudera dominar, desde pela manhã, um medo indefinido (l. 1-2)

No trecho acima, o sinal de dois-pontos estabelece uma relação de sentido. Identifique essa relação. Depois, reescreva o trecho, substituindo o sinal de dois-pontos por um conectivo que mantenha a mesma relação de sentido. Faça adaptações, se for necessário.

5. Reescreva o texto abaixo, reestabelecendo a ordem lógica dos períodos, sabendo que o primeiro e o último deles (em negrito) foram mantidos em suas posições corretas.

"A década de 80 deixou saudade na Continental 2001, líder do mercado brasileiro de fogões; nunca a empresa, fundada há 67 ano, cresceu tanto.

O programa de qualidade e produtividade, até então restrito à produção, chegou às áreas administrativas.

Muitos serviços foram terceirizados, entre os quais os de ferramentaria, restaurante e dos trinta postos próprios de assistência técnica.

Seu pedaço de mercado chegou a 30%, e ela deixou para trás concorrentes como a Brastemp e a Dako.

Os lucros se sucediam no balanço.

Diante da luz vermelha, decidiu-se que era hora de reestruturar.

Só que, como não há bem que nunca se acabe, os tempos de fartura terminaram em 1991, quando a empresa colheu prejuízo de 5,6 milhões de dólares.

Só com esta medida, a empresa economizou 2 milhões de dólares".

6.

Gato gato gato

Familiar aos cacos de vidro inofensivos, o gato caminhava molengamente por cima do muro. O menino ia erguer-se, apanhar um graveto, respirar o hálito fresco do porão. Sua úmida penumbra. Mas a presença do gato. O gato, que parou indeciso, o rabo na pachorra¹ de uma quase interrogação.

(...)

- 5 Gato – leu no silêncio da própria boca. Na palavra não cabe o gato, toda a verdade de um gato. Aquele ali, ocioso, lento, emoliente² – em cima do muro. As coisas aceitam a incompreensão de um nome que não está cheio delas. Mas bicho, carece nomear direito: como rinoceronte, ou girafa se tivesse mais uma sílaba para caber o pescoço comprido. Girarafa, girafafa. Gatimonha, gatimanhão³. Falta um nome completo, felinoso e peludo, ronronante⁴ de astúcias adormecidas.

- 10 O pisa-macio, as duas bandas de um gato. Pezinhos de um lado, pezinhos de outro, leve, bem de leve para não machucar o silêncio de feltro nas mãos enluvadas.

O pelo do gato para alisar. Limpinho, o quente contato da mão no dorso, corcoveante⁵ e nodoso⁶ à carícia. O lânguido sono de morfinômano⁷. O marzinho de leite no pires e a língua secreta, ágil. A ninhada de gatos, os trêmulos filhotes de olhos cerrados. O novelo, a bola de papel –

- 15 o menino e o gato brincando. Gato lúdico⁸. O gatorro, mais felino do que o cachorro é canino. Gato persa, gatochim – o espirro do gato de olhos orientais. Gato de botas, as aristocráticas pantufas do gato. A manha do gato, gatimanha: teve um gata miolenta⁹ em segredo chamada Alemanha.

- 20 Em cima do muro, o gato recebeu o aviso da presença do menino. Ondulou de mansinho alguns passos denunciados apenas na branda alavanca das ancas. Passos irreais, em cima do muro eriçado¹⁰ de cacos de vidro. E o menino songa-monga¹¹, quietinho, conspirando no quintal, acomodado com o silêncio de todas as coisas.

No se olharem, o menino suspendeu a respiração, ameaçando de asfixia tudo que em torno dele com ele respirava, num só sistema pulmonar. O translúcido manto de calma sobre o claustro¹² dos quintais. O coração do menino batendo baixinho. O gato olhando o menino vegetalmente nascendo do chão, como árvore desarmada e inofensiva. A insciência¹³, a inocência dos vegetais.

- 25 (...)

Menino e gato ronronando em harmonia com a pudica intimidade do quintal. Muro, menino, cacos de vidro, gato, árvores, sol e céu azul: o milagre da comunicação perfeita. A comunhão dentro de um mesmo barco. O que existe aqui, agora, lado a lado, navegando. A confiança essencial prestes a exalar, e sempre adiada. E nunca. O gato, o menino, as coisas: a vida túmida¹⁴ e solidária. O teimoso segredo sem fala possível. Do muro ao menino, da pedra ao gato: como a árvore e a sombra da árvore.

- 30

OTTO LARA RESENDE

BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1975.

¹ pachorra – lentidão

² emoliente – que amolece

³ gatimonha, gatimanhão – movimento lento com as mãos

⁴ ronronante – referente ao ruído produzido pelo gato

⁵ corcoveante – ondulante

⁶ nodoso – cheio de nós

⁷ morfinômano – que gosta de dormir

⁸ lúdico – relativo à brincadeira, ao jogo

⁹ miolenta – combinação de miar + lenta

¹⁰ eriçado – arrepiado

¹¹ songa-monga – dissimulado

¹² claustro – pátio interior nos conventos

¹³ insciência – ignorância

¹⁴ túmida – inchada

Em cima do muro, o gato recebeu o aviso da presença do menino. (l. 19)

O adjunto adverbial que ocorre neste enunciado pode ser deslocado para outras posições; em uma delas, porém, a frase se tornará ambígua.

Reescreva o enunciado duas vezes com o deslocamento do adjunto, de modo a manter o sentido original em uma e a criar ambiguidade em outra. Aponte, também, a construção ambígua e explique-a.

7.

Texto II

O fragmento abaixo compõe um livro que recria, pela ficção, a Bahia do século XVII e tem como personagem central o poeta Gregório de Matos.

"Esta cidade acabou-se", pensou Gregório de Matos, olhando pela janela do sobrado, no terreiro de Jesus. "Não é mais a Bahia. Antigamente, havia muito respeito. Hoje, até dentro da praça, nas barbas da infantaria, nas bochechas dos granachas, na frente da forca, fazem assaltos à vista." (...)

5 Às seis horas da manhã, o governador Antonio de Souza de Menezes saiu do palácio. Cruzou a praça central onde ficavam os edifícios da administração: a sede do governo, a prisão, a Câmara, o Tribunal e o Armazém Real. Dirigiu-se à igreja dos jesuítas, para o sacramento da penitência. Gostava de fazê-lo de manhã. Tinha seu padre confessor, da ordem dos franciscanos, mas considerava os jesuítas mais preparados para a orientação religiosa.

10 Muitas vezes, ao ajoelhar-se aos pés do sacerdote para fazer suas revelações, gostava de imaginar que quem estava inquirindo seus pecados era o padre Antonio Vieira. Eram suas supremas confissões. Falava sobre todas as iniquidades, transgressões, violações que cometera. (...)

As pessoas que caminhavam pela praça naquele momento eram, na maioria, negros escravos ou mestiços trabalhadores. Muitos iam para as igrejas. Os sinos chamavam, repicando. (...)

15 Os homens, mesmo dentro da igreja, andavam armados de espadas e cotós limpos. Tudo naquela cidade dependia da força pessoal. Já não se enforcavam mais tão comumente os ladrões e os assassinos, tampouco os falsários e os maldizentes. Não havia grandes assaltantes na Bahia, diziam, mas quase todos furtavam um pouquinho. Alguns salteadores de estradas, raros ladrões violentos ou cortadores de bolsas andavam por ali, porém uma desonestidade implícita e constante fazia parte do procedimento das pessoas. Negros fugidos tornavam as estradas e certas ruas mais perigosas. A cobiça do dinheiro ou a inveja dos

20 ofícios, além disso, era um sentimento comum. (...) Todos levavam seus golpes, todos sofriam com as intrigas cruéis e nefandas. Gregório de Matos suspirou. Era muito mais difícil viver ali. Por que voltara? Mascates no terreiro, em volta da igreja, vendiam miudezas. O movimento das ruas aumentava. Passantes dirigiam-se aos jogos, ao campo, para divertir-se ou murmurar contra o governo, criando suas próprias leis e arbítrios. E, mesmo sendo ainda de manhã, alguns vinham trôpegos.

ANA MIRANDA

Boca do inferno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

E, mesmo sendo ainda de manhã, alguns vinham trôpegos. (l.24)

Identifique a relação estabelecida no contexto pela oração sublinhada. Reescreva, também, toda a frase, substituindo o vocábulo mesmo por um conectivo, de modo a manter o sentido essencial, fazendo apenas as alterações necessárias.

8. A maneira como certos textos são escritos pode produzir efeitos de incoerência, como no exemplo: "Zélia Cardoso De Mello decidiu amanhã oficializar sua união com Chico Anysio" (A Tarde, Salvador, 16 set 1994). É o que ocorre no trecho a seguir:

"As Forças Armadas brasileiras já estão treinando 3 mil soldados para atuar no Haiti depois da retirada das tropas americanas. A Organização das Nações Unidas (ONU) solicitou o envio de tropas ao Brasil e a mais quatro países, disse ontem o presidente da Guatemala, Ramiro de León"

(O Estado de S. Paulo, 24 set 1994)

- a) Qual o efeito de incoerência presente nesse texto?
- b) Do ponto de vista sintático, o que provoca esse efeito?
- c) Reescreva o trecho, introduzindo apenas as modificações necessárias para resolver o problema.

- 9.** O parágrafo abaixo foi retirado de uma dissertação argumentativa, cujo tema é “Informação no século XXI: A fronteira entre a verdade e a opinião”. Identifique o erro de coesão que provoca uma ambiguidade no texto e faça as correções necessárias para eliminar esse erro:

Além disso, a informação hoje se confunde com opinião. Com as redes sociais, todo mundo se acha no direito de falar o que bem entende, e acaba ultrapassando o limite da ética jornalística. Para ser informação, é preciso compromisso com a verdade, o que é diferente do texto opinativo, principalmente pelos danos que ele pode acabar causando. Portanto, precisamos resgatar a credibilidade que anda em falta para a profissão, e o melhor jeito é deixando as opiniões apenas no espaço dedicado a elas.

- 10.** Os parágrafos a seguir foram retirado de uma redação cujo tema é “Relação entre o homem e e o tempo no mundo contemporâneo” Identifique e corrija os erros de coesão, fazendo as alterações necessárias.

A mitologia grega apresenta um deus que devora os seus filhos. Essa imagem representa o tempo, que parece tragar vorazmente os homens. Esses hoje parecem não ter momento para dar conta de todos os seus afazeres, tudo é feito com a necessidade de se tentar cumprir todas as tarefas que nos são impostas. A modernidade é a maior responsável por tal mudança em nossa relação com o tempo.

O modo como o tempo é organizado mostra como ele, atendendo ao mercado, se configura como uma entidade que domina o homem. A economia visa o progresso e o acúmulo de capitais, e isso exige muito do homem, em todas as esferas. Hoje não podemos mais ser passivos. Predominando uma percepção constante de que não se tem mais tempo. Esse é dinheiro e não têm mais espaço para a subjetividade e sentido da vida. Isso aprofunda a crise do sentido da atividade.

- 11.** O parágrafo a seguir é o primeiro do desenvolvimento de uma redação cujo tema é “Como estimular o pensamento crítico no Brasil?”. **Identifique os erros de coesão, corrigindo-os. Altere o que for necessário.**

O papel da mídia é fundamental. O seu alcance é imenso, ela pode levar mais informações a quem não tem e incentivar a busca pela verdade. O problema é que, por ser muitas vezes parcial, ela acaba passando apenas uma parte dessa mesma verdade, ajudando mais a alienar do que a conscientizar. Foi o que aconteceu com a Rede Globo durante a cobertura da eleição vencida por Fernando Collor de Mello, por exemplo. Isso sem contar os programas fúteis como BBB e Pegadinhas, que dão entretenimento sem conteúdo crítico. Nessa linha, seria melhor valorizar programas como o CQC e os dos comediantes do Cassetta e Planeta, que usam o humor de forma inteligente e crítica.

Análise de Temas com coletânea – estilo de bancas de SP

UNICAMP - Tema inédito 1

Imagine-se na posição de um **escritor leigo em informática** que, ao ler sobre a **relação dos minicontos com o Twitter**, reproduzida a baixo, decide buscar informações sobre essa rede social pouco conhecida por você. Após conversar com usuários de computador e ler sobre o que é essa rede social (reproduzido em I), você conclui que o conceito sobre esse tipo de produção literária no Twitter é pouco conhecido e resolve elaborar um **verbete** para explicar melhor essa relação. Esse **verbete**, que será publicado em uma **enciclopédia on-line** destinada a pessoas que não especializadas em informática mas se interessam pelo assunto, você deverá:

- Definir o que é um miniconto, fornecendo exemplos para mostrar que esse tipo de literatura já está presente em atividades cotidianamente pela maioria dos usuários do Twitter.
- Apresentar uma vantagem e uma desvantagem sobre esse tipo de literatura que ainda não é totalmente reconhecido.

O que é um miniconto? Qual a relação dele com o Twitter?

Miniconto, ou microconto, ou nanoconto, é uma espécie de conto muito pequeno, produção esta que tem sido associada ao minimalismo. Embora a teoria literária ainda não reconheça o miniconto como um gênero literário à parte, fica evidente que as características do que chamamos de miniconto são diferentes das de um “conto pequeno”. No miniconto muito mais importante que mostrar é sugerir, deixando ao leitor a tarefa de “preencher” as elipses narrativas e entender a história por trás da história escrita.

O guatemalteco Augusto Monterroso é apontado como autor do mais famoso miniconto, escrito com apenas trinta e sete letras:

Quando acordou o dinossauro ainda estava lá.

Assim como o estadunidense Ernest Hemingway é autor de outro famoso miniconto.

Com apenas vinte e seis letras, mas por trás das quais há toda uma história de tragédia familiar:

Vende-se: sapatos de bebê, sem uso.

Uma das definições de microconto estabelece o limite de 150 caracteres (contando letras, espaços e pontuação) para permitir seu envio através de mensagens SMS (torpedos) pelo celular, evidenciando uma das características do

microtexto, que é sua ligação com as novas tecnologias de informação e comunicação.

A redução extrema de uma história fazendo com que encaixe até em um tweet não é algo novo, porém encontrou na internet uma forma de expandir a produção. Nos meios impressos, sempre houve um limite para o que pode ser escrito. Em um livro, o enredo pode se estender por infinitas páginas, porém um jornal ou revista possui uma quantidade exata de caracteres que sua história possui. Com o Twitter, que limita as mensagens pessoais para apenas 140 caracteres, os escritores de ficção também se adaptam e quanto menor o espaço, mais direta deve ser a narrativa. Está aí a semelhança entre os dois.

Adaptado: <https://letrasaltitantes.wordpress.com/2013/05/22/o-que-e-um-miniconto-qual-a-relacao-dele-com-o-twitter/> (Acessado em 18/10/2015).

I. Twitter é uma rede social e um servidor para microblogging, que permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos (em textos de até 140 caracteres, conhecidos como "tweets"), por meio do website do serviço, por SMS e por softwares específicos de gerenciamento.

As atualizações são exibidas no perfil de um usuário em tempo real e também enviadas a outros usuários seguidores que tenham assinado para recebê-las. As atualizações de um perfil ocorrem por meio do site do Twitter, por RSS, por SMS ou programa especializado para gerenciamento. O serviço é gratuito pela internet, entretanto, usando o recurso de SMS pode ocorrer a cobrança pela operadora telefônica.

(Adaptado: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter> Acesso em: 18/10/2013)
UNICAMP (2014)

UNICAMP – Tema 2014

Em virtude dos problemas de trânsito, uma associação de moradores de uma grande cidade se mobilizou, buscou informações em textos e documentos variados e optou por elaborar uma carta aberta. Você, como membro da associação, ficou responsável por redigir a carta a ser divulgada nas redes sociais. Essa carta tem o objetivo de reivindicar, junto às autoridades municipais, ações consistentes para a melhoria da mobilidade urbana na sua cidade. Para estruturar a sua argumentação, utilize também informações apresentadas nos trechos abaixo, que foram lidos pelos membros da associação.

Atenção: assine a carta usando apenas as iniciais do remetente.

I. “A boa cidade, do ponto de vista da mobilidade, é a que possui mais opções”, explica o planejador urbano Jeff Risom, do escritório dinamarquês Gehl Architects. E Londres está entre os melhores exemplos práticos dessa ideia aplicada às grandes metrópoles.

A capital inglesa adotou o pedágio urbano em 2003, diminuindo o número de automóveis em circulação e gerando uma receita anual que passou a ser reaplicada em melhorias no seu já consolidado sistema de transporte público. Com menos carros e com a redução da velocidade máxima permitida, as ruas tornaram-se mais seguras para que fossem adotadas políticas que priorizassem a bicicleta como meio de transporte. Em 2010, Londres importou o modelo criado em 2005 em Lyon, na França, de bikes públicas de aluguel. Em paralelo, começou a construir uma rede de ciclovias e determinou que as faixas de ônibus fossem compartilhadas com ciclistas, com um programa de educação massiva dos motoristas de coletivos. Percorrer as ruas usando o meio de transporte mais conveniente – e não sempre o mesmo – ajuda a resolver o problema do trânsito e ainda contribui com a saúde e a qualidade de vida das pessoas.

(Natália Garcia, 8 iniciativas urbanas inspiradoras, em Red Report, fev. 2013, p. 63. Disponível em <http://cidadesparapessoas.com/2013/06/29/pedalando-por-cidades-inspiradorass/>. Acessado em 06/09/2013.)

II. Mas, afinal, qual é o custo da morosidade dos deslocamentos urbanos na região metropolitana de São Paulo?

Não é muito difícil fazer um cálculo aproximado.

Podemos aceitar como tempo normal, com muita boa vontade, uma hora diária.

Assim, o tempo médio perdido com os congestionamentos em São Paulo é superior a uma hora por dia. Sendo a jornada de trabalho igual a oito horas, é fácil verificar que o tempo perdido é de cerca de 12,5% da jornada de trabalho. O valor monetário do tempo perdido é de R\$ 62,5 bilhões por ano.

Esse é o custo social anual da lentidão do trânsito em São Paulo.

(Adaptado de André Franco Montoro Filho, O custo da (falta de) mobilidade urbana, Folha de São Paulo, Caderno Opinião, São Paulo, 04 ago. 2013. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2013/08/1321280-andre-francomontoro-filho-o-custo-da-falta-de-mobilidade-urbana.shtml>. Acessado em 09/09/2013.)

III. Torna-se cada vez mais evidente que não há como escapar da progressiva limitação das viagens motorizadas, seja aproximando os locais de moradia dos locais de trabalho ou de acesso aos serviços essenciais, seja ampliando o modo coletivo e os meios não motorizados de transporte.

Evidentemente que não se pode reconstruir as cidades, porém são possíveis e necessárias a formação e a consolidação de novas centralidades urbanas, com a descentralização de equipamentos sociais, a informatização e descentralização de

serviços públicos e, sobretudo, com a ocupação dos vazios urbanos, modificando-se, assim, os fatores geradores de viagens e diminuindo-se as necessidades de deslocamentos, principalmente motorizados.

(BRASIL. Ministério das Cidades. Caderno para a Elaboração de Plano Diretor de Transporte e da Mobilidade. Secretaria Nacional de Transportes e de Mobilidade Urbana [SeMob], 2007, p. 22-23.

Disponível em http://www.antp.org.br/_5dotSystem/download/dcmDocument/2013/03/21/79121770-A746-45A0-BD32-850391F983B_5.pdf. Acessado em 06/09/2013.)

Análise de temas com coletânea – Banca de SP

Tema inédito: A condição do indivíduo frente à sociedade de descarte.

Texto I

Um grave problema ambiental decorrente dos hábitos da sociedade contemporânea é o consumismo desenfreado e a geração de resíduos decorrente dele. A pesquisadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Flávia Passos Soares, apresentou uma discussão riquíssima em sua tese de doutorado que versa sobre a descartabilidade do humano e a dinâmica do consumismo na globalização. Segundo a autora, a descartabilidade surge na sociedade através da relação histórica que se estabeleceu entre prazer e consumo privado, e ainda, por meio da expansão ilimitada da produção de bens em relações de mercado. Dessa forma, o consumo conseguiu se estender a todos os registros da história, comunicação e cultura e adquiriu um status de prioridade perante os demais valores, pois são aceitos quaisquer meios para acessar o estilo de vida invejado socialmente, que depende do consumo constante de inúmeros produtos e serviços cada vez mais atraentes.

A sociedade de consumo é construída desde a base, por meio de investimentos nas gerações por vir. O filósofo e pesquisador Noam Chomsky aponta: “o poder da indústria de propaganda, ao destacar que nos EUA, um em cada seis dólares é gasto em marketing, e que o bombardeio diário de publicidade e propaganda pela televisão atua no homem moderno desde a infância. Com isso, as crianças são educadas nos ideais da cultura de consumo, e irão se transformar em indivíduos passivos, isolados e com pouca oportunidade de escolha”.

Com a função de induzir ainda mais ao consumo, o mercado passa então a elaborar produtos adequados a essa população consumista. Segundo Flávia Soares: “o ritmo acelerado de descarte ditado pelo mercado imprime uma obsolescência programada aos artigos à venda. A não durabilidade pela falta de qualidade dos materiais garante o retorno dos consumidores em busca de outros produtos, novos, que certamente serão mais modernos em algum detalhe. Em geral, não se busca consertar nada. É mais fácil jogar fora e comprar novo. Além dessa descartabilidade a curto prazo, existe também aquela imediata, derivada de produtos fabricados para serem usados uma única vez, como copos de plástico, garrafas ‘PET’ etc., que geram um grave problema ambiental”.

Essa mentalidade de consumo sem preocupações com os descartáveis é impregnada na sociedade de consumo, que perde completamente as rédeas quanto aos limites de descartabilidade. Naturalmente, é muito mais simples consumir o produto desejado e descartar as sobras ao final. O grande impasse existente é como compatibilizar a geração desses resíduos com a capacidade de armazenamento e de suporte do ambiente.

Em uma sociedade que sempre disponibiliza um novo produto como a melhor alternativa face à substituição ou reparação de um produto existente, viabilizando, portanto, o descarte, a lógica de reaproveitamento dos resíduos passa a ser uma prática adotada apenas em épocas de crise econômica ou em momentos especiais. A alternativa de usufruir deste recurso como fonte de renda sobra, então, para a classe mais excluída e sem alternativas de sobrevivência. Desta forma, passa a existir uma classe de trabalhadores que tem como matéria-prima a parcela reciclável dos resíduos sólidos urbanos, mesmo estes estando dispostos em lixões.

Vários problemas estão relacionados com a geração de resíduos sólidos urbanos, e o aumento desenfreado da produção destes resíduos tende a uma situação insustentável no que diz respeito à sua gestão. O aumento da população observado nas últimas décadas remete à ampliação direta da geração de resíduos, justamente devido às necessidades de cada pessoa. Essa situação se torna ainda mais complexa na sociedade da descartabilidade, que não assume responsabilidades sobre a geração e destinação dos restos.

Ainda há muito que se discutir sobre esta questão, principalmente no que se refere às mudanças de hábito da sociedade frente ao equilíbrio ambiental do planeta.

*Marcos Paulo Gomes Mol, Eng. Ambiental, Coordenador do Serviço de Gestão Ambiental da Fundação Ezequiel Dias – Funed, Doutorando em Saneamento e Meio Ambiente pela UFMG
EcoDebate, 04/04/2013*

Texto II

De fato descartamos. Trocamos de celular mais rápido do que aprendemos a usá-los, damos cara nova aos nossos armários compulsoriamente, compramos novas mobílias e doamos as veteranas, adquirimos novos eletrodomésticos e desovamos as painéis velhas. Num âmbito mais pessoal assim o fazemos também. Descartamos o antigo “look”: Mudamos a aparência, competimos com a moda, renovamos e reinventamos os shampoos de nossos banheiros, pintamos o cabelo e por aí vai.

Por Lucas Cabral Pazetto, colunista da Revista Vaidapé e estudante de Psicologia pela Universidade Estadual de São Paulo (UNESP-Bauru).

Texto III



Fonte: Quino (2003, p. 253, tira 3).

Os 3 textos acima se referem à condição do indivíduo frente à sociedade de descarte. Qual é essa condição? Por que podemos dizer que existe uma sociedade de descarte? O que isso representa na vida do indivíduo social? Tendo em conta as sugestões desses textos, além de outras informações que julgue relevantes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema **A condição do indivíduo frente à sociedade de descarte**.

Instruções:

- A redação deve ser uma dissertação, escrita de acordo com a norma padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível. Não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
- Dê um título a sua redação.

Tema anterior: “Camarotização” da sociedade brasileira: a segregação das classes sociais e a democracia

Na verdade, durante a maior parte do século XX, os estádios eram lugares onde os executivos empresariais sentavam-se lado a lado com os operários, todo mundo entrava nas mesmas filas para comprar sanduíches e cerveja, e ricos e pobres igualmente se molhavam se chovesse. Nas últimas décadas, contudo, isso está mudando. O advento de camarotes especiais, em geral, acima do campo, separam os abastados e privilegiados das pessoas comuns nas arquibancadas mais embaixo. (...) O desaparecimento do convívio entre classes sociais diferentes, outrora vivenciado nos estádios, representa uma perda não só para os que olham de baixo para cima, mas também para os que olham de cima para baixo.

Os estádios são um caso exemplar, mas não único. Algo semelhante vem acontecendo na sociedade americana como um todo, assim como em outros países. Numa época de crescente desigualdade, a “camarotização” de tudo significa que as pessoas abastadas e as de poucos recursos levam vidas cada vez mais separadas. Vivemos, trabalhamos, compramos e nos distraímos em lugares diferentes. Nossos filhos vão a escolas diferentes. Estamos falando de uma espécie de “camarotização” da vida social. Não é bom para a democracia nem sequer é uma maneira satisfatória de levar a vida. Democracia não quer dizer igualdade perfeita, mas de fato exige que os cidadãos compartilhem uma vida comum. O importante é que pessoas de contextos e posições sociais diferentes encontrem-se e convivam na vida cotidiana, pois é assim que aprendemos a negociar e a respeitar as diferenças ao cuidar do bem comum.

Michael J. Sandel. Professor da Universidade Harvard. O que o dinheiro não compra. Adaptado Comentário do Prof. Michael J. Sandel referente à afirmação de que, no Brasil, se teria produzido uma sociedade ainda mais segregada do que a norte-americana.

O maior erro é pensar que serviços públicos são apenas para quem não pode pagar por coisa melhor. Esse é o início da destruição da ideia do bem comum. Parques, praças e transporte público precisam ser tão bons a ponto de que todos queiram usá-los, até os mais ricos. Se a escola pública é boa, quem pode pagar uma particular vai preferir que seu filho fique na pública, e assim teremos uma base política para defender a qualidade da escola pública. Seria uma tragédia se nossos espaços públicos fossem shopping centers, algo que acontece em vários países, não só no Brasil. Nossa identidade ali é de consumidor, não de cidadão.

Entrevista. Folha de S. Paulo, 28/04/2014. Adaptado.

No Brasil, com o aumento da presença de classes populares em centros de compras, aeroportos, lugares turísticos etc., é crescente a tendência dos mais ricos a segregarem-se em espaços exclusivos, que marquem sua distinção e superioridade.] (...) Pode ser que o fenômeno “camarotização”, isto é, a separação física entre classes sociais, prospere para muitos outros setores. De repente, os supermercados poderão ter ala VIP, com entrada independente, cuja acessibilidade, tacitamente, seja decidida pelo limite do cartão de crédito.

Renato de P. Pereira. www.gazetadigital.com.br, 06/05/2014. [Resumido] e adaptado.

Até os anos de 1960, a escola pública que eu conheci, embora existisse em menor número, tinha boa qualidade e era um espaço animado de convívio de classes sociais diferentes. Aprendíamos muito, uns com os outros, sobre nossas diferentes experiências de vida, mas, em geral, nos sentíamos pertencentes a uma só sociedade, a um mesmo país e a uma mesma cultura, que era de todos. Por isso, acreditávamos

que teríamos, também, um futuro em comum. Vejo com tristeza que hoje se estabeleceu o contrário: as escolas passaram a segregar os diferentes estratos sociais. Acho que a perda cultural foi imensa e as consequências, para a vida social, desastrosas.

Trecho do testemunho de um professor universitário sobre a Escola Fundamental e Média em que estudou.

Os três primeiros textos aqui reproduzidos referem-se à “camarotização” da sociedade – nome dado à tendência a manter segregados os diferentes estratos sociais. Em contraponto, encontra-se também reproduzido um testemunho, no qual se recupera a experiência de um período em que, no Brasil, a tendência era outra.

Tendo em conta as sugestões desses textos, além de outras informações que julgue relevantes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema **“Camarotização” da sociedade brasileira: a segregação das classes sociais e a democracia.**

Instruções:

- A redação deve ser uma dissertação, escrita de acordo com a norma padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível. Não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
- Dê um título a sua redação.

Análise de temas com coletânea – Estilo Bancas de SP

UNICAMP - Tema inédito 2

Imagine-se como um **estudante de ensino médio** de uma escola que organizará um evento beneficente com diversas atividades para se voluntariar. Nesse evento, **destinado à comunidade escolar e aos pais dos alunos**, existirá um mural que vai conter um **resumo** sobre o tema da solidariedade. Você ficou responsável por elaborar o resumo que estará exposto no início do evento com base na matéria transcrita abaixo. Nesse resumo você deverá:

- apresentar o ponto de vista exposto no texto, a respeito da importância da solidariedade humana, relacionando esse ponto de vista aos argumentos centrais que o sustentam.

A Solidariedade Humana

Até que ponto somos capazes de dividirmos o pouco que temos com alguém que nunca nos ajudou ou com algum desconhecido?

Até que ponto somos capazes de suprimir as nossas necessidades em prol das necessidades das pessoas que precisam mais do que nós?

Para quem nunca passou nenhum tipo de privação, essas questões são muito difíceis de responder (pelo menos para a maioria das pessoas), mas para quem já passou por dificuldades financeiras que conseguiu superar, é um pouco mais fácil, porque, usando de empatia, coloca-se rapidamente no lugar dos necessitados e percebe como é bom ter uma mão amiga que o auxilie nestes momentos difíceis, ajudando-o a levantar-se.

Solidarizarmo-nos com as pessoas, sejam elas de raça, credo ou classes sociais diferentes, é abriremos o nosso coração para a fraternidade e para a comunhão do amor. É propagarmos um dos mais belos ensinamentos de Jesus, o nosso Senhor: “Amai-vos uns aos outros da mesma forma que vos amei”.

A solidariedade humana, portanto, deve superar as mais diversas barreiras que se colocarem em seus caminhos. Deve fazer o bem, sem olhar a quem, porque não basta somente ajudar. Deve-se fazer de coração. Ela nos faz crescer espiritual e moralmente. É tão lindo o sorriso de felicidade de uma criança humilde ao receber um brinquedo de presente! É tão gostoso observarmos nos rostos das pessoas que ajudamos o semblante estampado da gratidão!

Deus em sua onipotência legou-nos sabedoria e humildade para nos irmarmos às causas sociais, fazendo da solidariedade algo prazeroso de se praticar.

Infelizmente, hoje em dia, o mundo todo sofre com carência de solidariedade humana dos que podem, mas se negam a ajudar por alguma razão. Os poucos voluntários do amor, por mais que queiram, não conseguem ajudar a todos os necessitados.

Na África, por exemplo, as ajudas humanitárias não conseguem chegar aos seus destinos, por causa dos guerrilheiros civis que controlam o país e que saqueiam todas as cargas de remédios e alimentos enviados por pessoas do mundo todo. Resultado: milhares de pessoas morrendo de fome a toda hora neste país.

Aqui no Brasil, outro exemplo de covardia, cara-de-pau e falta de punição é o seguinte: Algumas pessoas encarregadas de transportar as cargas de alimentos, roupas e remédios para os necessitados, saqueiam essas em proveito próprio, sem que nada lhes aconteça. As autoridades têm conhecimento, mas nunca fazem nada.

Portanto, para a solidariedade humana fazer-se representar em quaisquer partes do mundo com obtenção de êxito, é necessário que os líderes e autoridades mundiais solidarizem-se com os movimentos, ajudando-os e apoiando-os da melhor maneira possível.

*Fonte: PORTAL EDUCAÇÃO - Cursos Online : Mais de 1000 cursos online com certificado
<http://www.portaleducacao.com.br/cotidiano/artigos/20764/a-solidariedade-humana#ixzz3oyLhldV5>*

UNICAMP – Tema 2015

Você integra um **grupo de estudos** formado por estudantes universitários. Periodicamente, cada membro apresenta resultados de leituras realizadas sobre temas diversos. Você ficou responsável por elaborar uma **síntese** sobre o tema **humanização no atendimento à saúde**, que deverá ser escrita em **registro formal**. As fontes para escrever a síntese são um trecho de um artigo científico (excerto A) e um trecho de um ensaio (excerto B). Seu texto deverá contemplar:

- o conceito de humanização no atendimento à saúde;
- o ponto de vista de cada texto sobre o conceito, assim como as principais informações que sustentam esses pontos de vista;
- as relações possíveis entre os dois pontos de vista.

Excerto A

A humanização é vista como a capacidade de oferecer atendimento de qualidade, articulando os avanços tecnológicos com o bom relacionamento.

O Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar (PNHAH) destaca a importância da conjugação do binômio "tecnologia" e "fator humano e de relacionamento". Há um diagnóstico sobre o divórcio entre dispor de alta tecnologia e nem sempre dispor da delicadeza do cuidado, o que desumaniza a assistência. Por

outro lado, reconhece-se que não ter recursos tecnológicos, quando estes são necessários, pode ser um fator de estresse e conflito entre profissionais e usuários, igualmente desumanizando o cuidado. Assim, embora se afirme que ambos os itens constituem a qualidade do sistema, o "fator humano" é considerado o mais estratégico pelo documento do PNHAH, que afirma: (...) as tecnologias e os dispositivos organizacionais, sobretudo numa área como a da saúde, não funcionam sozinhos – sua eficácia é fortemente influenciada pela qualidade do fator humano e do relacionamento que se estabelece entre profissionais e usuários no processo de atendimento. (Ministério da Saúde, 2000).

(Adaptado de Suely F. Deslandes, Análise do discurso oficial sobre a humanização da assistência hospitalar. Ciência & saúde coletiva. Vol. 9, n. 1, p. 9-10. Rio de Janeiro, 2004.)

Excerto B

A famosa Faculdade para Médicos e Cirurgiões da Escola de Medicina da Columbia University, em Nova York, formou recentemente um Programa de Medicina Narrativa que se ocupa daquilo que veio a se chamar “ética narrativa”. Ele foi organizado em resposta à percepção recrudescente do sofrimento – e até das mortes – que podia ser atribuído parcial ou totalmente à atitude dos médicos de ignorarem o que os pacientes contavam sobre suas doenças, sobre aquilo com que tinham que lidar, sobre a sensação de serem negligenciados e até mesmo abandonados. Não é que os médicos não acompanhassem seus casos, pois eles seguiam meticulosamente os prontuários de seus pacientes: ritmo cardíaco, hemogramas, temperatura e resultados dos exames especializados. Mas, para parafrasear uma das médicas comprometidas com o programa, eles simplesmente não ouviam o que os pacientes lhes contavam: as histórias dos pacientes. Na sua visão, eles eram médicos “que se atinham aos fatos”. “Uma vida”, para citar a mesma médica, “não é um registro em um prontuário”. Se um paciente está na expectativa de um grande e rápido efeito por parte de uma intervenção ou medicação e nada disso acontece, a queda ladeira abaixo tem tanto o seu lado biológico como psíquico.

“O que é, então, a medicina narrativa?”, perguntei*. “Sua responsabilidade é ouvir o que o paciente tem a dizer, e só depois decidir o que fazer a respeito. Afinal de contas, quem é o dono da vida, você ou ele?”. O programa de medicina narrativa já começou a reduzir o número de mortes causadas por incompetências narrativas na Faculdade para Médicos e Cirurgiões.

*A pergunta é feita por Jerome Bruner a Rita Charon, idealizadora do Programa de Medicina Narrativa.

(Adaptado de Jerome Bruner, Fabricando histórias: direito, literatura, vida. São Paulo: Letra e Voz, 2014, p. 115-116.)

Análise de temas com coletânea

UERJ: Tema inédito

Última chamada: novo acordo ortográfico passa a valer em 2016

As regras do novo acordo ortográfico passam a valer definitivamente a partir de 1º de janeiro de 2016. Se você ainda não domina todas as mudanças, precisa se preparar para adotá-las. Todo professor, independentemente da disciplina que leciona, deve seguir as normas para escrever corretamente em diferentes contextos - na preparação e na correção de atividades e provas, no quadro, nos bilhetes enviados aos responsáveis e em textos direcionados aos colegas de trabalho e à direção, como o planejamento.
(...)

O que motivou o novo acordo

As mudanças foram planejadas visando unificar as regras do idioma no Brasil, em Cabo Verde, em São Tomé e Príncipe, em Portugal, em Angola, na Guiné-Bissau, em Moçambique e no Timor Leste, que vêm discutindo o tema desde os anos 1990. O fator econômico foi determinante, pois a padronização vai facilitar a integração comercial.

A unificação pode ainda estimular o intercâmbio científico e cultural entre esses países. Embora todos falem a mesma língua, nem sempre é fácil entender além de suas fronteiras o texto escrito em um deles. E isso impede que as culturas nacionais transitem de um país para outro. "Com a reforma, é esperado que os bens culturais dessas nações, como as produções literárias, ganhem maior projeção e passem a ser mais consumidos fora de seu território de origem", explica Ulisses Infante, professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e autor de diversas obras sobre a língua.

A reforma não atinge todos os países da mesma maneira. No Brasil, por exemplo, 2 mil palavras sofreram alterações, ou seja, 0,5% do total. Já em Portugal cerca de 10 mil termos mudaram - 1,5%. Lá, "óptimo" e "acção" passaram a ser grafados como por aqui ("ótimo" e "ação"), aproximando-se da linguagem oral comum no nosso país.

Mudanças ortográficas não são uma novidade no Brasil. As primeiras ocorreram em 1943, com o propósito de aproximar as normas oficiais da língua usada no cotidiano, incorporando brasileirismos, por exemplo. Assim, foram endossadas grafias como "comércio" e "farmácia", que já eram usadas por aqui juntamente com "commercio" e "pharmacia" - comuns em Portugal.

(...)

Esse percurso comprova que a língua é dinâmica e se altera com o passar dos tempos. O mesmo ocorre com a ortografia, uma convenção social, fruto do momento histórico. As mudanças do idioma, portanto, devem ser analisadas de acordo com o contexto.

(Adaptado: <http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/ultima-chamada-novo-acordo-ortografico-passa-valer-2013-682954.shtml>. Acesso em: 18/10/15).

Proposta de Redação

O novo acordo ortográfico visa unificar as regras do idioma de países falantes da Língua Portuguesa. A partir da leitura do texto e de suas reflexões pessoais, redija um texto argumentativo com no mínimo 20 e no máximo 30 linhas em que desenvolva sua opinião, acerca da unificação da Língua Portuguesa com outros os países e das diferentes influências culturais que o Brasil recebeu ao longo da sua formação histórica.

UERJ (2011)

Em entrevista dada ao Diário Digital, o escritor português José Saramago critica o meio de comunicação virtual conhecido como Twitter*.

Diário Digital: O senhor acompanha o fenômeno do Twitter? Acredita que a concisão de se expressar em 140 caracteres tem algum valor? Já pensou em abrir uma conta no site?

José Saramago: Nem sequer é para mim uma tentação de neófito. Os tais 140 caracteres refletem algo que já conhecíamos: a tendência ao monossílabo como forma de comunicação. De degrau em degrau, vamos descendo até o grunhido.

*Twitter (pronuncia-se "tuíteer"): rede social, virtual, criada em 2006 por Jack Dorsey, que permite aos usuários enviar e receber textos como máximo de 140 caracteres, conhecidos como *tweets*.

<http://oglobo.globo.com>

Proposta de Redação

A partir da leitura do texto e de suas reflexões pessoais, redija um texto argumentativo com no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, em que desenvolva sua opinião acerca da ocorrência, ou não, de um empobrecimento das formas atuais de comunicação entre as pessoas.

Utilize o registro padrão da língua e atribua um título ao seu texto.

Análise de temas com coletâneas – estilo UERJ

Tema inédito: A cultura do politicamente correto na vida do sujeito contemporâneo

Texto I

Se pudéssemos resumir de forma simplificada a grande descoberta dos estudos da linguagem no século XX, o resumo seria: a língua não é um instrumento neutro. Dito assim, parece à toa. Mas quando desempacotamos as premissas e conclusões que se desprendem desse enunciado, algumas consequências se impõem para a prática política de esquerda. Não se trata só de que os sujeitos que se utilizam da linguagem não são neutros, mas que os próprios vocábulos, estruturas e entonações da língua trazem consigo uma história carregada de sentidos culturais e políticos. Não é do interesse dos que lutam ao lado dos mais fracos ignorar ou minimizar essa história. A expressão “politicamente correto” se firmou na língua inglesa como parte de uma ofensiva da direita estadunidense nas chamadas guerras culturais dos anos 1980 e 1990. Embora haja ocorrências da expressão em textos da New Left (a Nova Esquerda), foi naquelas batalhas que o termo passou a funcionar como designação de um suposto autoritarismo policialesco da esquerda no uso da linguagem. A esfera do politicamente correto abrangia classe, raça, gênero, orientação sexual, nacionalidade, descapacitação e outros marcadores de subalternidade. Mas, sem dúvida, o exemplo paradigmático sempre foi racial.

(Adaptado. AVELAR, Idelber, *As origens da expressão "politicamente correto*.
in: "<http://www.revistaforum.com.br/idelberavelar/2011/04/04/as-origens-da-expressao-politicamente-correto/>)

Texto II



Texto III



Nos textos acima, temos a definição e a origem da expressão "politicamente correto" e duas críticas ao uso dado a essa terminologia. Utilizando seus conhecimentos de mundo acerca desse assunto, elabore um texto dissertativo-argumentativo, em prosa, com no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, no qual discuta **a cultura do politicamente correto na vida do sujeito contemporâneo**.

Utilize a norma padrão da língua e atribua um título à sua redação.

Tema anterior (2014): A necessidade de que a sociedade conheça e debata as motivações, interesses e usos das pesquisas científicas.

Ciência na educação popular

Há uma dimensão ética da divulgação científica na qual eu gostaria de me deter: a circulação das ideias e dos resultados de pesquisas é fundamental para avaliar o seu impacto social e cultural, como também para recuperar, por meio do livre debate e confronto de ideias, os vínculos e valores culturais que a descoberta do novo, muitas vezes, rompe ou fere. Nesse sentido, a divulgação não é apenas página de literatura, mas exercício de reflexão sobre os impactos sociais e culturais de nossas descobertas. Os limites das manipulações com seres humanos têm dimensões técnicas e éticas que transcendem os estreitos corredores dos hospitais, dos institutos de pesquisa ou até mesmo dos respeitáveis conselhos de bioética. Informar essa discussão, de modo que os valores novos possam ser pensados e os antigos respeitados, é arte complexa de múltiplas dimensões humanas, científicas e culturais.

Acredito que esse aspecto da divulgação da ciência, uma vez que o público leigo - insisto - também deve ser alcançado, é responsabilidade do cientista e, a meu ver, deveria ser item do financiamento público da própria pesquisa. Dificilmente podemos imaginar que fundos privados, provenientes de empresas interessadas na

comercialização dos produtos das pesquisas, investiriam recursos para promover a livre discussão sobre as repercussões éticas das inovações ou descobertas por eles financiadas.

Ennio Candotti
Adaptado de casadaciencia.ufrj.br.

Proposta de redação

No texto acima, o autor trata da necessidade de divulgar ideias e resultados de pesquisas como forma de democratizar, na sociedade, o debate acerca de valores culturais e sociais, de vantagens e de problemas que envolvem todas as pesquisas científicas e seu uso posterior na vida do cidadão comum.

Elabore um texto dissertativo-argumentativo, em prosa, com no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, no qual discuta **a necessidade de que a sociedade conheça e debata as motivações, interesses e usos das pesquisas científicas.**

Utilize a norma padrão da língua e atribua um título à sua redação.

Análise de termas com coletâneas – Estilo UERJ

Tema inédito: A importância da formação moral e ética dos alunos-cidadãos

Texto I

Um dos desafios contemporâneos da escola é contribuir para a formação moral e ética dos alunos-cidadãos. É fundamental que, nos espaços educativos, seja construída e problematizada a participação do indivíduo na vida pública - o que demanda a consciência de realidades, conflitos e interesses individuais e sociais, o conhecimento de mecanismos de controle e defesa de direitos e a noção dos limites e das possibilidades de ações individuais e coletivas.

Como ninguém nasce cidadão, a ideia de participação social precisa ser permanentemente construída. Há vários caminhos para ensinar normas, valores e atitudes passíveis de (re)organizar as relações para uma convivência justa. O trabalho educacional que mobiliza conteúdos atitudinais precisa estar nas ações cotidianas e fazer parte dos objetivos de aprendizagem. Diversas atividades pedagógicas levam a reflexões e ao entendimento crítico dos eventos que ocupam e preocupam a vida de todos nós(...)

Catarina Iavelberg

Formação moral e ética dos alunos-cidadãos

<http://gestaoescolar.abril.com.br/aprendizagem/formacao-moral-etica-alunos-cidadaos-574481.shtml>

Texto II

Exemplos de atitudes éticas dos alunos:

- Respeitar o trabalho dos professores e funcionários da escola. Respeitar também o direito de aprender dos outros alunos. Na prática, isso significa não conversar, brincar ou atrapalhar de qualquer forma os momentos em que o professor está explicando ou tirando dúvidas de outros colegas.
- Não colar em avaliações ou elaboração de trabalhos escolares.
- Não usar trabalhos prontos, disponíveis na Internet, para entregar aos professores.
- Não praticar bullying.
- Buscar ter um comportamento que crie um ambiente positivo e agradável na escola.
- Não pagar para outros alunos ou “profissionais” para que elaborem trabalhos (comportamento antiético mais comum no ensino superior).

- Não colocar apelidos em colegas e professores que possam causar mágoas, ferir sentimentos ou a autoestima.
- Seguir as regras e normas de funcionamento da escola.
- Tratar com respeito e educação colegas que possuam algum tipo de deficiência motora ou transtorno psicológico. Se possível, ajudar no processo de integração destes alunos.

(http://www.suapesquisa.com/educacaoesportes/etica_escola.htm)

Texto III



Os textos acima falam da importância da moral e ética na vida do aluno-cidadão, de exemplos de atitudes éticas dos alunos e de comportamentos comuns em sala de aula. Tendo como base as ideias dos textos motivadores e conhecimentos pessoais sobre o assunto, redija um texto argumentativo em prosa, com no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, em que discuta a seguinte questão:

A importância da formação moral e ética dos alunos-cidadãos. Utilize o registro padrão da língua e atribua um título ao seu texto.

Tema anterior: É possível, para a juventude de hoje, alterar o futuro?

Texto I

Previsões de especialistas

A mídia nos bombardeia diariamente com as previsões de especialistas sobre o futuro. Esses experts mais erram do que acertam, mas nem por isso deixamos de recorrer a eles sempre que o horizonte se anuvia. Como explicar o paradoxo?

Uma boa tentativa é o recém-lançado livro do escritor e jornalista Dan Gardner. As passagens mais divertidas do livro são sem dúvida aquelas em que o autor mostra, com exemplos e pesquisas científicas, quão precária é a previsão econômica e política.

Num célebre discurso de 1977, por exemplo, o então presidente dos E.U.A., Jimmy Carter, ancorado nos conselhos dos principais experts do planeta, conclamou os

americanos a reduzir drasticamente a dependência de petróleo de sua economia, porque os preços do hidrocarboneto subiriam e jamais voltariam a cair, o que inevitavelmente destruiria o “American way”. Oito anos depois, as cotações do óleo despencaram e permaneceram baixas pelas duas décadas seguintes.

Alguém pode alegar que Gardner escolhe de propósito alguns exercícios de futurologia que deram errado apenas para ridicularizar a categoria toda.

Para refutar essa objeção, vamos conferir algumas abordagens do problema.

Em 1984, uma revista britânica pediu a 16 pessoas que fizessem previsões sobre taxas de crescimento, câmbio, inflação e outros dados econômicos. Quatro dos entrevistados eram exministros de finanças; quatro eram presidentes de empresas multinacionais; quatro, estudantes de economia de Oxford; e quatro, lixeiros de Londres. Uma década depois, as predições foram contrastadas com a realidade e classificadas pelos níveis de acerto. Os lixeiros terminaram empatados com os presidentes de corporações em primeiro lugar. Em último, ficaram os ministros – o que ajuda a explicar uma ou outra coisinha sobre governos.

A razão para tantas dificuldades em adivinhar o futuro é de ordem física. Nós nos habituamos a ver a ciência prevendo com enorme precisão fenômenos como eclipses e marés. Só que esses são sistemas lineares ou, pelo menos, sistemas em que dinâmicas impostas pelo caos podem ser desprezadas. E, embora um bom número de fenômenos naturais seja linear, existem muitos que não o são. Quando o homem faz parte da equação, pode-se esquecer a linearidade.

Nossos cérebros também trazem de fábrica alguns vieses que tornam nossa espécie presa fácil para adivinhos. Procuramos tão avidamente por padrões que os encontramos até mesmo onde não existem. Temos ainda compulsão por histórias, além de um desejo irrefreável de estar no controle. Assim, alguém que ofereça numa narrativa simples e envolvente a previsão do futuro pode vendê-la facilmente a incautos. Não é por outra razão que oráculos, profecias e augúrios estão presentes em quase todas as religiões.

Como diz Gardner, “vivemos na Idade da Informação, mas nossos cérebros são da Idade da Pedra”. Eles não foram concebidos para processar o papel do acaso, no cerne do conhecimento científico atual. Nós continuamos a tratar as falas dos especialistas como se fossem auspícios divinos. Como não poderia deixar de ser, frequentemente quebramos a cara.

HÉLIO SCHWARTSMAN

Adaptado de www1.folha.uol.com.br, 30/06/2011

“American way”: estilo americano de vida.

Auspícios: prenúncios, presságios.

Texto II

Ode para o futuro

Falareis de nós como de um sonho.
Crepúsculo dourado. Frases calmas.
Gestos vagarosos. Música suave.
Pensamento arguto. Subtis sorrisos.
Paisagens deslizando na distância.
Éramos livres. Falávamos, sabíamos,
e amávamos serena e docemente.

Uma angústia delida, melancólica,
sobre ela sonhareis.

E as tempestades, as desordens, gritos,
violência, escárnio, confusão odienta,
primaveras morrendo ignoradas
nas encostas vizinhas, as prisões,
as mortes, o amor vendido,
as lágrimas e as lutas,
o desespero da vida que nos roubam
- apenas uma angústia melancólica,
sobre a qual sonhareis a idade de ouro.

E, em segredo, saudosos, enlevados,
falareis de nós - de nós! - como de um sonho.

Jorge de Sena, in 'Pedra Filosofal'

Texto III

QUINO
<http://rosapinkgabriela.blogspot.com>

Texto IV

Há uma diferença entre esses movimentos de jovens educados nos países do Ocidente, onde, em geral, toda a juventude é fenômeno de minoria, e movimentos similares de jovens em países islâmicos e em outros lugares, nos quais a maioria da população tem entre 25 e 30 anos. Nestes países, portanto, muito mais do que na Europa, os movimentos de jovens são politicamente muito mais massivos e podem ter maior impacto político. O impacto adicional na radicalização dos movimentos de juventude acontece porque os jovens hoje, em período de crise econômica, são desproporcionalmente afetados pelo desemprego e, portanto, estão desproporcionalmente insatisfeitos. Mas não se pode adivinhar que rumos tomarão esses movimentos. Mas eles só, eles pelos seus próprios meios, não são capazes de definir o formato da política nacional e todo o futuro. De qualquer modo, devo dizer que está a fazer-me perguntas enquanto historiador, mas sobre o futuro. Infelizmente, os historiadores sabem tanto sobre o futuro quanto qualquer outra pessoa. Por isso, as minhas previsões não são fundadas em nenhuma especial vocação que eu tenha para prever o futuro.

ERIC HOBSBAWN
Adaptado de <http://historica.me>

Proposta de redação

A fala do historiador Eric Hobsbawn também apresenta uma reflexão sobre o futuro e suas possibilidades, relacionando o tema à ação da juventude, tradicionalmente considerada o futuro próximo das sociedades.

A partir da leitura dos textos e de suas elaborações pessoais sobre o tema, redija um texto argumentativo em prosa, com no mínimo 20 e no máximo 30 linhas, em que discuta a seguinte questão:

É possível, para a juventude de hoje, alterar o futuro?

Utilize o registro padrão da língua e atribua um título ao seu texto.

Exercícios de argumentação e raciocínios lógicos

- 1.** Leia abaixo os versos do poeta inglês do século XVII Alexander Pope:

A natureza e as leis da natureza permaneciam escondidas na noite
Deus disse, “Faça-se Newton”, e tudo ficou claro.

(Traduzido de J. M. Roberts, History of the World, Oxford University Press, 1993).

- a) Descreva a principal descoberta científica a que se refere o poema.
b) Quais eram as bases do novo método científico do século XVII?

- 2.** Previsões de especialistas

A mídia nos bombardeia diariamente com as previsões de especialistas sobre o futuro. Esses experts mais erram do que acertam, mas nem por isso deixamos de recorrer a eles sempre que o horizonte se anuvia. Como explicar o paradoxo?

Uma boa tentativa é o recém-lançado livro do escritor e jornalista Dan Gardner. As passagens mais divertidas do livro são sem dúvida aquelas em que o autor mostra, com exemplos e pesquisas científicas, quão precária é a previsão econômica e política.

Num célebre discurso de 1977, por exemplo, o então presidente dos E.U.A., Jimmy Carter, ancorado nos conselhos dos principais experts do planeta, conclamou os americanos a reduzir drasticamente a dependência de petróleo de sua economia, porque os preços do hidrocarboneto subiriam e jamais voltariam a cair, o que inevitavelmente destruiria o “American way”¹. Oito anos depois, as cotações do óleo despencaram e permaneceram baixas pelas duas décadas seguintes.

Alguém pode alegar que Gardner escolhe de propósito alguns exercícios de futurologia que deram errado apenas para ridicularizar a categoria toda.

Para refutar essa objeção, vamos conferir algumas abordagens do problema.

Em 1984, uma revista britânica pediu a 16 pessoas que fizessem previsões sobre as taxas de crescimento, câmbio, inflação e outros dados econômicos. Quatro dos entrevistados eram ex-ministros de finanças; quatro eram presidentes de empresas multinacionais; quatro, estudantes de economia e Oxford; e quatro lixeiros de Londres. Uma década depois, as predições foram contrastadas com a realidade e classificadas pelos níveis de acerto. Os lixeiros terminaram empatados com os

presidentes de corporações em primeiro lugar. Em último, ficaram os ministros – o que ajuda a explicar uma ou outra coisinha sobre governos.

A razão para tantas dificuldades em adivinhar o futuro é de ordem física. Nós nos habituamos a ver a ciência prevendo com enorme precisão fenômenos como eclipses e marés. Só que esses são sistemas lineares ou, pelo menos, sistemas em que dinâmicas impostas pelo caos podem ser desprezadas. E, embora um bom número de fenômenos naturais seja linear, existem muitos que não o são. Quando o homem faz parte da equação, pode-se esquecer a linearidade.

Nossos cérebros também trazem de fábrica alguns vieses que tornam nossa espécie presa fácil para adivinhos. Procuramos tão avidamente por padrões que os encontramos até mesmo onde não existem. Temos ainda compulsão por histórias, além de um desejo irrefreável de estar no controle. Assim, alguém que ofereça numa narrativa simples e envolvente a previsão do futuro pode vendê-la facilmente a incautos. Não é por outra razão que oráculos, profecias e augúrios estão presentes em quase todas as religiões.

Como diz Gardner, “vivemos na Idade da Informação, mas nossos cérebros são da Idade da Pedra”. Eles não foram concebidos para processar o papel do acaso, no cerne do conhecimento científico atual. Nós continuamos a tratar as falas dos especialistas como se fossem auspícios² divinos. Como não poderia deixar de ser, frequentemente quebramos a cara.

HELIO SCHWARTSMAN

Adaptado de www1.folha.uol.com.br, 30/06/2011

¹ “American way”: estilo americano de vida

² auspícios: prenúncios, presságios

A fim de reforçar seu ponto de vista acerca do tema abordado, o autor emprega argumentos do tipo indutivo, ou seja, usa um fato ou dado particular para dele extrair conclusões gerais.

Identifique, no texto, dois exemplos de fatos ou dados particulares empregados para reforçar a ideia geral do texto.

3. Crônica da abolição

Eu pertenço a uma família de profetas “après coup”¹, “post factum”², “depois do gato morto”, ou como melhor nome tenha em holandês. Por isso digo, juro se necessário for, que toda a história desta lei de 13 de maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha,

pessoa de seus dezoito anos, mais ou menos. Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar.

Neste jantar, a que meus amigos deram o nome de banquete, em falta de outro melhor, reuni umas cinco pessoas, conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo), no intuito de lhe dar um aspecto simbólico.

No golpe do meio (“coupe do milieu”³, mas eu prefiro falar a minha língua) levantei-me eu com a taça de champanha e declarei que, acompanhando as idéias pregadas por Cristo há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia que a nação inteira devia acompanhar as mesmas idéias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus que os homens não podiam roubar sem pecado.

Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio abraçar-me os pés. Um dos meus amigos (creio que é ainda meu sobrinho) pegou de outra taça e pediu à ilustre assembléia que correspondesse ao ato que acabava de publicar brindando ao primeiro dos cariocas. Ouvi cabisbaixo: fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote. Todos os lenços comovidos apanharam as lágrimas de admiração. Caí na cadeira e não vi mais nada. De noite, recebi muitos cartões. Creio que estão pintando o meu retrato, e suponho que a óleo.

No dia seguinte, chamei o Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza:

— Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida, e tens mais um ordenado, um ordenado que...

— Oh! meu senhô! Fico.

— Um ordenado pequeno, mas que há de crescer. Tudo cresce neste mundo: tu crescestes imensamente. Quando nasceste eras um pirralho deste tamanho; hoje estás mais alto que eu. Deixa ver; olha, és mais alto quatro dedos...

— Artura não qué dizê nada, não, senhô...

— Pequeno ordenado, repito, uns seis mil-réis: mas é de grão em grão que a galinha enche o seu papo. Tu vales muito mais que uma galinha.

— Eu vaio um galo, sim, senhô.

— Justamente. Pois seis mil-réis. No fim de um ano, se andares bem, conta com oito. Oito ou sete.

Pancrácio aceitou tudo: aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco,

sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.

Tudo compreendeu o meu bom Pancrácio: daí para cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas, e chamo-lhe besta quando lhe não chamo filho do diabo; cousas todas que ele recebe humildemente e (Deus me perdoe!) creio que até alegre. [...]

MACHADO DE ASSIS - <http://portal.mec.gov.br>

Vocabulário

1“après coup”: depois do golpe

2“post factum”: depois do fato

3“coupe do milieu”: o autor utiliza uma expressão inexistente em francês para mostrar a ignorância do personagem

— Um ordenado pequeno, mas que há de crescer. Tudo cresce neste mundo: tu crescestes imensamente. Quando nasceste eras um pirralho deste tamanho; hoje estás mais alto que eu.

A fala do senhor de Pancrácio deseja convencer e persuadir seu interlocutor. O argumento apresentado, entretanto, é intencionalmente falho, isto é, configura uma falácia. **Explique em que consiste esta falácia.**

4. Do bom uso do relativismo

Hoje, pela multimídia, imagens e gentes do mundo inteiro nos entram pelos telhados, portas e janelas e convivem conosco. É o efeito das redes globalizadas de comunicação. A primeira reação é de perplexidade que pode provocar duas atitudes: ou de interesse para melhor conhecer, que implica abertura e diálogo, ou de distanciamento, que pressupõe fechar o espírito e excluir. De todas as formas, surge uma percepção incontornável: nosso modo de ser não é o único. Há gente que, sem deixar de ser gente, é diferente.

Quer dizer, nosso modo de ser, de habitar o mundo, de pensar, de valorar e de comer não é absoluto. Há mil outras formas diferentes de sermos humanos, desde a forma dos esquimós siberianos, passando pelos yanomamis do Brasil, até chegarmos aos sofisticados moradores de Alphavilles¹, onde se resguardam as elites opulentas e

amedrontadas. O mesmo vale para as diferenças de cultura, de língua, de religião, de ética e de lazer.

Deste fato surge, de imediato, o relativismo em dois sentidos: primeiro, importa relativizar todos os modos de ser; nenhum deles é absoluto a ponto de invalidar os demais; impõe-se também a atitude de respeito e de acolhida da diferença porque, pelo simples fato de estar-aí, goza de direito de existir e de co-existir; segundo, o relativo quer expressar o fato de que todos estão de alguma forma relacionados. Eles não podem ser pensados independentemente uns dos outros, porque todos são portadores da mesma humanidade.

Devemos alargar a compreensão do humano para além de nossa concretização. Somos uma geo-sociedade una, múltipla e diferente.

Todas estas manifestações humanas são portadoras de valor e de verdade. Mas são um valor e uma verdade relativos, vale dizer, relacionados uns aos outros, auto-implicados, sendo que nenhum deles, tomado em si, é absoluto.

Então não há verdade absoluta? Vale o *everything goes* de alguns pós-modernos? Quer dizer, o “vale tudo”? Não é o vale tudo. Tudo vale na medida em que mantém relação com os outros, respeitando-os em sua diferença. Cada um é portador de verdade mas ninguém pode ter o monopólio dela. Todos, de alguma forma, participam da verdade. Mas podem crescer para uma verdade mais plena, na medida em que mais e mais se abrem uns aos outros.

Bem dizia o poeta espanhol António Machado: “Não a tua verdade. A verdade. Vem comigo buscá-la. A tua, guarde-a”. Se a buscarmos juntos, no diálogo e na cordialidade, então mais e mais desaparece a minha verdade para dar lugar à Verdade comungada por todos.

A ilusão do Ocidente é de imaginar que a única janela que dá acesso à verdade, à religião verdadeira, à autêntica cultura e ao saber crítico é o seu modo de ver e de viver. As demais janelas apenas mostram paisagens distorcidas. Ele se condena a um fundamentalismo visceral que o fez, outrora, organizar massacres ao impor a sua religião e, hoje, guerras para forçar a democracia no Iraque e no Afeganistão.

Devemos fazer o bom uso do relativismo, inspirados na culinária. Há uma só culinária, a que prepara os alimentos humanos. Mas ela se concretiza em muitas formas, as várias cozinhas: a mineira, a nordestina, a japonesa, a chinesa, a mexicana e outras. Ninguém

pode dizer que só uma é a verdadeira e gostosa e as outras não. Todas são gostosas do seu jeito e todas mostram a extraordinária versatilidade da arte culinária. Por que com a verdade deveria ser diferente?

LEONARDO BOFF
<http://alainet.org>

Vocabulário:

1 Alphavilles: condomínios de luxo

2 everything goes: literalmente, “todas as coisas vão”; equivale à expressão “vale tudo”

O título do texto de Leonardo Boff fala do bom uso do relativismo. Pode-se inferir, então, que haveria um relativismo negativo, que o autor condenaria.

Transcreva o trecho em que o autor alude ao tipo de relativismo que ele rejeita. Em seguida, justifique por que, para o autor, esse uso do relativismo seria condenável.

5. O direito à literatura

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação*. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional está presente em cada um de nós, como anedota, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular. Ela se manifesta desde o devaneio no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance.

Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. Podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o

sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente.

Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles. Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, (l. 1)

O trecho acima parte de uma pressuposição que o próprio autor contesta: a de que existiria uma maneira restrita de definir a literatura. **Identifique outro exemplo do primeiro parágrafo que contenha uma pressuposição e explique em que ela consiste.**

6. Reescreva o trecho abaixo utilizando métodos de raciocínio lógico.

Tema: Informação no século XXI: A fronteira entre a verdade e a opinião.

a) A Internet revolucionou tudo. O que antes não era acessível, agora é. Pessoas no mundo todo podem saber o que se passa nos quatro cantos quase simultaneamente, e isso é incrível. O problema é que, com essa velocidade, fica difícil saber o que é verdade e o que não é. Resultado: muitos acreditam em tudo que leem e reproduzem sem pensar, ajudando as notícias falsas a parecerem que não são. Por isso, daria para dizer que vivemos a época da informação, mas não da verdade.

Gabarito

- 1.** Objetivo: avaliar a capacidade de interpretação histórica a partir de um poema. Em **a** deveria nomear a descoberta da lei universal de gravitação por Newton e, em **b**, indicar as bases deste novo método entre estas possibilidades: dedução lógica, observação empírica e/ou empirismo, matematização, quantificação, experimentação.
- 2.** Dois dos exemplos: a previsão de Jimmy Carter, a experiência da revista britânica, exemplos do livro de Dan Gardner.
- 3.** O personagem faz uma comparação indevida, associando o crescimento do salário ao crescimento biológico de um ser humano.
- 4.** O penúltimo parágrafo critica o Ocidente exatamente por este não relativizar a própria verdade, considerando-a a única verdade, ou no mínimo superior à de outros povos e culturas. Esse parágrafo reforça a argumentação central do autor ao mostrar, com exemplos históricos como os das guerras religiosas e os das guerras contemporâneas, as consequências negativas da atitude não-relativista, isto é, dogmática e/ou absolutista.
- 5.** O autor defende a importância humanizada da literatura, mais do que a sua relevância histórica. Para tanto, apresenta os seguintes argumentos: a literatura é manifestação presente em todas as culturas; não há povo nem indivíduo que possa viver sem ela, isto é, sem alguma espécie de fabulação; da mesma maneira que não há equilíbrio psíquico sem o sonho, na produção ficcional inconsciente, também não há equilíbrio social sem literatura, uma produção ficcional consciente; cada sociedade cria a sua literatura de acordo com as suas crenças e desejos.
- 6.** Comentário: O trecho apresentado possui boas ideias a serem utilizadas, porém não foi organizado de forma lógica, fazendo com que não possua a clareza das informações contidas nele. Sendo assim, se utilizarmos a dedução, uma das formas possíveis de reescrita é a seguinte: A internet é um exemplo das grandes revoluções comunicacionais. A partir dela, a comunicação, que antes era feita através de cartas ou telefonemas, de maneira lenta, agora pode ser feita instantaneamente. Devido a esse aspecto, o tempo da emissão das informações passou a ser quase o mesmo do tempo da recepção e, a capacidade de discernimento do que é verdadeiro ou falacioso ficou prejudicada. Assim, pode-se afirmar que tal velocidade propiciou o aparecimento de informações não necessariamente verdadeiras, abrindo precedentes para que o internauta tenha dúvida sobre a credibilidade do que é encontrado online.